

"O FOLIÃO N.º 1 DA CIDADE" E O MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO: TRAJETÓRIA E POTENCIALIDADES DO ACERVO DE VICENTE RÃO

Submetido em 27/06/2022
Aceito em 18/07/2022

Ana Ines Arce¹
Luciana Oliveira de Brito²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo refletir sobre as potencialidades do acervo do carnaval de Porto Alegre existente no Museu Joaquim Felizardo. Escolhemos a coleção de Vicente Rão por ser a de maior relevância, não só pelo maior número de peças, mas também por ser a mais utilizada nas exposições sobre essa temática no Museu, além de ser, em muitas ocasiões, emprestada a outras instituições. Procuramos fazer um breve relato sobre a biografia desse personagem do carnaval porto-alegrense, da formação e trajetória de seu acervo e das mostras em que foi utilizado. Para que, além de evocar a figura e o legado de Rão, possamos discutir as possibilidades que esses objetos têm de serem “portadores de sociabilidades” e de resgatarmos a história e a memória de outros carnavais.

PALAVRAS-CHAVE: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Acervos. Carnaval. Patrimônio cultural.

"EL FIESTERO N° 1 DE LA CIUDAD" Y EL MUSEO DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO: TRAYECTORIA Y POTENCIALIDADES DEL ACERVO DE VICENTE RÃO.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las potencialidades del acervo de carnaval de Porto Alegre existente en el Museo Joaquim Felizardo. Seleccionamos la colección de Vicente Rão porque es la más relevante, no solo por el abundante número de piezas, sino también por ser la más utilizada en las exposiciones sobre este tema en el Museo, además de ser, en varias ocasiones, cedida temporariamente a otras instituciones. Buscamos hacer un breve relato de la biografía de este personaje del carnaval de Porto Alegre, la formación y trayectoria de su colección y los espectáculos en los que fue utilizada. Para que, más allá de evocar la figura y el legado de Rão, podamos discutir las posibilidades que tienen estos objetos de ser “portadores de sociabilidad” y de rescatar la historia y la memoria de otros carnavales.

PALABRAS CLAVE: Museo de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Colecciones. Carnaval. Patrimonio cultural.

¹ Historiadora e arquivista do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo (aninarce@gmail.com).

² Museóloga do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo (luciana.brito@portoalegre.rs.gov.br).

"O FOLIÃO N.º 1 DA CIDADE" E O MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO: TRAJETÓRIA E POTENCIALIDADES DO ACERVO DE VICENTE RÃO

INTRODUÇÃO

O estudo de acervos pessoais que chegam às instituições públicas pode ser fonte de uma série de reflexões que vão desde sua formação em âmbito privado, com a seleção e organização dos objetos por parte de seus titulares e outros “guardiões”, até sua inserção nas instituições públicas, documentação e pesquisa que geram sua exposição ou ocultamento. Tudo isso contribui para aumentar ou diminuir suas potencialidades, bem como os altos e baixos de determinadas temáticas, da figura de seus titulares, do contexto social, político e histórico e do momento institucional. Conforme Nery, “A busca por recuperar os contextos de aquisição e de constituição de uma coleção é basilar para reinstrumentalizar as definições patrimoniais do acervo do museu hoje” (NERY, 2015, p. 1).

Os fatores que influenciam esses processos são variados e complexos. Neste artigo, pretendemos esboçar alguns deles, no que diz respeito ao acervo de Vicente Rão, prestigiada figura do carnaval porto-alegrense, expressiva coleção que hoje se encontra no Museu Joaquim José Felizardo. Para tal, faremos um breve relato da história do carnaval porto-alegrense; traçaremos, resumidamente, o perfil biográfico de Vicente Rão, focando especialmente naqueles aspectos que o vinculam ao acervo do Museu; relataremos o processo de formação da Coleção Carnaval do MJJF, dando destaque aos itens que pertenceram a Rão. Por último, serão elencadas as exposições em que essa coleção foi utilizada, procurando refletir sobre as potencialidades de um acervo cujo estudo e questionamento podem estimular novas leituras e releituras, não somente sobre o carnaval, mas também sobre a história de Porto Alegre.

CARNAVAL EM PORTO ALEGRE

Em Porto Alegre, assim como em outras cidades brasileiras, a comemoração do carnaval chega com os colonizadores portugueses. Diferentemente dos luxuosos bailes de máscara do restante da Europa, em que se destaca o carnaval veneziano,

na Península Ibérica, era a brincadeira do entrudo que caracterizava a festa³. O entrudo era uma verdadeira batalha para molhar alguém com água jogada de balde, bacia, bisnaga ou com arremesso de limão de cheiro - artefato redondo feito de uma fina camada de cera, contendo água colorida e aromatizada que, ao ser arremessado contra alguém, se rompia. Até as primeiras décadas do século XIX, o entrudo era uma brincadeira aceita sem maiores restrições. Em fevereiro de 1834, o Conselho Geral da Província emite parecer favorável à proibição do Entrudo: o código de posturas do município de Porto Alegre proibiu a brincadeira e foram estipuladas penas de multa e prisão para quem desobedecesse. A partir daí, essa manifestação carnavalesca “[...] passou a ser alvo de perseguições e críticas moralistas por parte da imprensa, que via no molhado entrudo uma selvageria, resquícios da barbárie, de uma cultura popular atrasada e grosseira que ainda não se havia civilizado” (GERMANO, 1989, p. 80)⁴.

Nesse período foram criadas as sociedades carnavalescas, com destaque para a Sociedade Esmeralda Porto-Alegrense e a Sociedade Carnavalesca Venezianas. A partir de 1874, elas passaram a competir no carnaval da cidade e a rivalidade entre ambas era tão grande que, em alguns momentos, resultou em conflitos. Essas sociedades reuniam as camadas altas e médias da população e competiam em desfiles públicos pelas ruas do centro da cidade em carros alegóricos e vestindo trajes requintados, muitas vezes importados da Europa: “Os bailes de máscaras, com a intenção de reproduzir os aristocráticos carnavais de Veneza na Itália, também eram notáveis, numa época em que os mais pobres ficavam de fora da festa” (DUARTE, 2012, p. 27)⁵.

Mas o carnaval de Porto Alegre, no final do século XIX, não era apenas o das sociedades carnavalescas da “elite”, com seus desfiles e bailes de máscaras. Nessa época, várias sociedades e blocos começaram a surgir na cidade: Floresta Aurora (sociedade que congregava a população negra); os Congos (grupo que angariava

³ KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Iris; POSSAMAI, Zita Rosane. **Carnavais de Porto Alegre**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

⁴ GERMANO, Iris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40**. 1999. 275 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do RS, Porto Alegre, 1999. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1GQYl-fto23id86gCQV21VoLVN6TSUvol/view>. Acesso em: 18 mar. 2022.

⁵ DUARTE, Ulisses Corrêa. **O Carnaval espetáculo no Sul do Brasil: uma etnografia da cultura carnavalesca nas construções das identidades e nas transformações da festa em porto alegre e uruguaiana**. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal do RS, Porto Alegre, 2011.

recursos no carnaval para alforriar escravos); Pindaíba (do bairro Floresta); Pedinchões (bloco do arraial do Menino Deus) os Caraduras (formado por oficiais alunos da Escola Militar); Liborinhos (grupo mascarado constituído pelos rapazes do comércio local), entre outros. Nesse período, o carnaval de rua, do qual participava principalmente a população mais pobre, passou a ser animado pela cadência de instrumentos de percussão que acompanhavam os foliões em meio às brincadeiras com limões de cheiro e arremesso de água e farinha (apesar da proibição, o “entrudo” seguiu resistindo até o início do século XX). Conhecido como carnaval do “Zé Pereira”, também não era visto como manifestação “civilizada” por causa do “barulho” que faziam os tambores e zabumbas, música bem diferente das valsas, xotes, polcas e mazurcas tocadas nos préstitos e salões (GERMANO, 1999).

No início do século XX, as sociedades carnavalescas Venezianos e Esmeralda continuavam em atividade, com seus bailes e desfiles. A Rua da Praia (atual Rua dos Andradas) ainda era o centro da folia, mas aos poucos, o carnaval se deslocou para a periferia da cidade, para bairros como o Menino Deus, Cidade Baixa e Colônia Africana (atual bairro Rio Branco).

Nas décadas de 1930 e 1940, o carnaval de rua deixou de ser associado à “incivilidade” e passou a ser visto como uma “festa do povo”, assim como “[...] o elemento popular e negro passou a ser associado ao verdadeiro representante do carnaval de rua” (GERMANO, 1999, p. 85). Enquanto a elite se refugiava em seus salões para festejar o carnaval, vários blocos e cordões populares surgiam na cidade. Principalmente na Cidade Baixa - Areal da Baronesa e Ilhota - e na Colônia Africana, territórios onde a população negra se concentrara desde a época da escravidão, se verificava a existência de um “carnaval negro”. Também nessa época, a chegada do Rei Momo, abrindo as comemorações do carnaval, tornou-se um ritual.

O Deus Momo chegou. Desembarcou no cais do porto ontem, às 21 horas, com o murmúrio e as palmas da multidão e o vibrar dos clarins carnavalescos. O carnaval está aí. Ontem começaram nas ruas o movimento grande do povo e a alegria ruidosa de fevereiro. [...] Chegou o Deus Momo. Sem corte. Ele trouxe apenas o bobo. A corte olímpica ficou lá em cima, impassível, olhando a amável loucura que começou a reinar sobre a terra... Correio do Povo 08 de fevereiro de 1931. (KRAWCZYK; GERMANO; POSSAMAI, 1992, p. 22).

No início, Porto Alegre não tinha um rei Momo “oficial”. Em algumas ocasiões,

teve mais de um. No final da década de 1940 até o início da década de 1950, Adão Alves de Oliveira, o “Seu Lelé”, era o Rei Momo do Areal da Baronesa (primeiro Rei Momo Negro de Porto Alegre), na mesma época, Alfredo Raimundo Macalé, era o Rei Momo “Branco” da Rua Miguel Teixeira. Algumas fontes citam Júlio Rosenberg (radialista e locutor)⁶ e Francisco Puertas, o “Paco”⁷, como reis momos na década de 1950. O fato é que Vicente Ráo ficou conhecido como o primeiro Rei Momo oficial da cidade, recebendo o título de “Rei Momo Primeiro e Único”.

VICENTE RÁO

Vicente Lomando Ráo, mais conhecido como Vicente Ráo, nasceu em Porto Alegre à 4 de abril de 1908 e morreu em 23 de setembro de 1972. Aos dezoito anos, alistou-se para prestar o serviço militar e permaneceu no exército por algum tempo, onde chegou a ser promovido a sargento. Resolveu pedir baixa ao perceber que não tinha temperamento para seguir a carreira militar. Conseguiu, então, um emprego no Banco Nacional do Comércio, começando como contínuo e, em seguida, passando a escriturário.

Também atuou como jogador profissional do Sport Club Internacional na década de 1930, no entanto não seguiu adiante na carreira:

Em 1926, fui treinar no Inter. Eu era centromédio. Gostaram de mim. Tanto que na semana seguinte joguei no lugar de Lampinha, um grande astro. Foi contra o São José, pelo campeonato [citadino]. Ganhamos de 4 x 1 e até fiz um goal. Fiquei até 1932, mas sempre na reserva, pois era difícil tirar um dos titulares, principalmente o Ribeiro, que jogava de médio. Aí fundaram o Bancário. Como já trabalhava no Banco do Comércio, deixei o Inter. Mas continuei colorado (SILVA, 2021, p. 38).⁸

Apesar disso, manteve ao longo de sua vida uma forte ligação com o clube, atuando no Departamento de Cooperação e Propaganda (DCP) e coordenando o Departamento Juvenil. Criado na década de 1940, o DCP tinha como principais objetivos coordenar a relação do Inter com a imprensa e “organizar” a torcida do

⁶ BORGES, Luís Fernando Rabello. **Apontamentos para uma história da música na era de ouro do rádio em Porto Alegre**. Disponível em: <https://bitly.com/gSmnFG>. Acesso em: 01 jun 2022.

⁷ GERMANO, 1999, p. 101.

⁸ SILVA, César Marcelo Caramês da. **“Imitando os negrinhos, hein?”: o departamento de Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional no contexto do estado novo (1940-1942)**. 2021. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do RS, Porto Alegre, 2021.

clube: “[...] o DCP colorado visava homogeneizar a torcida colorada através do comportamento de apoio incondicional, evitando dissonâncias em sua torcida” (SILVA, 2021, p. 41). Rão, torcedor fanático do Sport Club Internacional, foi o precursor na criação de torcidas organizadas e levou a animação dos blocos carnavalescos para as arquibancadas dos estádios (SPORT CLUB INTERNACIONAL, 2022)⁹. Em 1947, depois de deixar de ser o “chefe” da torcida colorada, criou, juntamente com o professor Jofre Funchal e Abílio dos Reis, o Departamento Juvenil. Dois anos depois, a “escolinha do Inter” já tinha onze times coordenados por Rão.



Imagem 1: Autor desconhecido. Vicente Rao, sem data. Acervo do Museu Joaquim Felizardo.

Imagem 2: Autor desconhecido. Vicente Rao – Bloco Tira o dedo do Pudim, sem data. Acervo do Museu Joaquim Felizardo.

⁹ SPORT CLUB INTERNACIONAL. Arquivo Histórico. Memória do Inter. **Você conhece Vicente Rao?** Disponível em: <http://memoriadointer.blogspot.com/2014/02/voce-conhece-vicente-rao.html>. Acesso em: 18 mar. 2022.

Seu envolvimento com diversas atividades sempre aconteceu paralelamente à sua atuação no carnaval porto-alegrense. Em 1931, passou a fazer parte do bloco Banda Filarmônica do Faxinal. Ráo deixou a banda após um desentendimento com alguns integrantes e fundou, com colegas bancários, o bloco humorístico Tira o dedo do Pudim (que ficou conhecido como o “Bloco do Ráo”). Apesar do sucesso em três carnavais consecutivos, o bloco encerrou as suas atividades em 1949, quando um dos integrantes chegou bêbado para um ensaio. Os carnavalescos, ao ingressarem no grupo, assumiam o compromisso de não beber nem fumar durante o carnaval para servirem de “exemplo” ao público.

Foi eleito “Folião n.º 1” da cidade, sendo premiado e homenageado em diversas ocasiões pelo poder público, imprensa e grupos carnavalescos. Era “[...] visto como um mediador entre os grupos carnavalescos populares e os demais poderes da sociedade”. Tornou-se uma figura representativa “[...] junto à imprensa e a políticos, mas também entre os blocos e cordões populares, desde os mais humildes aos de mais alto poder aquisitivo.” (GERMANO, 1999, p. 101).

Do mesmo modo que levou o espírito carnavalesco para as arquibancadas dos estádios de futebol, Ráo também demonstrou seu engajamento político organizando protestos contra o corte de verbas e exigindo apoio do poder público para a realização carnaval de rua:

[...] ia pessoalmente aos ensaios nas cavernas de diversos grupos das mais variadas camadas sociais, era um agitador, um fomentador do carnaval de Porto Alegre. Em um ano reuniu vários agrupamentos populares no Parque Farroupilha numa manifestação monstro, para fazerem uma passeata, em silêncio, até a Câmara de Vereadores, em protesto à rejeição de auxílio financeiro ao carnaval popular por parte do poder municipal (GERMANO, 1999, p. 101).

Em certos momentos, demonstrou um caráter autoritário, como no episódio em que exigiu que todos os instrumentos da Banda Filarmônica do Faxinal ficassem sob sua guarda e culminou na sua saída do bloco; ou, quando acabou com o Bloco Tira o Dedo do Pudim, porque um dos componentes desrespeitou a regra de não consumir bebidas alcoólicas.



Imagem 3: Autor desconhecido. Vicente Rao, década de 1960. Acervo do Museu Joaquim Felizardo.



Imagem 4: Autor desconhecido. Vicente Rao, década de 1960. Acervo do Museu Joaquim Felizardo.

Em 1950, juntou todas as suas economias e mandou confeccionar uma fantasia de luxo. Nos bailes e desfiles de rua se destacou mais que o próprio Rei Momo. Já em 1951, Rão foi coroado Rei Momo oficial do carnaval de Porto Alegre. Sua chegada para abertura do carnaval passou a seguir o mesmo trajeto que, desde o final da década de 1940 era realizado pelo Rei Momo Negro, Adão Alves de Oliveira, conhecido como Seu Lelé, do carnaval do Areal da Baronesa. Ele percorria de canoa o curso do Riachinho (Arroio Dilúvio que, antes da retificação, cortava a Cidade Baixa), partindo da Ponte de Pedra e chegando à Ponte do bairro Menino Deus. Daí, o cortejo seguia até o coreto de Rão, na Rua da Margem (atual Rua João Alfredo), onde os clarins anunciavam a sua chegada. A Rua da Margem era um dos pontos mais movimentados do carnaval, onde carros ornamentados de diferentes pontos da cidade desfilavam e inúmeros foliões circulavam.

Rão era branco, bancário e pertencente às camadas médias da população, conseguindo circular facilmente tanto entre os poderes

instituídos quanto entre os agrupamentos carnavalescos populares, o que demonstra a aquisição de grande quantidade de capital simbólico por parte de Rao. De forma generalizada, por um lado, a influência de Rao sobre os agrupamentos populares tornava-o possuidor de grande capital frente aos poderes instituídos e, por outro, a facilidade de circular, influenciar e reivindicar frente a esses poderes colocava-o como possuidor de um capital escasso e valorizado entre os agrupamentos populares (GERMANO, 1999, p. 207).

Vicente Ráo reinou absoluto no carnaval de Porto Alegre até 1972, meses antes de sua morte. Por muito tempo, permaneceu como uma referência, recebendo diversas homenagens: o Complexo Cultural Porto Seco, onde atualmente são realizados os desfiles carnavalescos da cidade, foi denominado “Vicente Ráo”, pela Lei n.º 9789, de 2005¹; o Decreto n.º 8188, de 1983, denominou de “Troféu Vicente Ráo” o prêmio concedido à escola de samba que, durante três anos consecutivos ou seis alternados, classificar-se em primeiro lugar no desfile do primeiro grupo do Carnaval de Porto Alegre²; e, em 1973, uma via pública de Porto Alegre foi nomeada como “Rua Vicente Ráo”, no bairro Ipanema³. Além disso, durante algum tempo, o Sport Club Internacional manteve um espaço expositivo denominado “Museu Vicente Ráo”.



Imagem 5: Autor desconhecido. Vicente Rao – VI Congresso Nacional dos Bancários, setembro de 1956.



Imagem 6: Autor desconhecido. Vicente Rao – Papai Noel, sem data.

¹ Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/p/porto-alegre/lei-ordinaria/2005/979/9789/lei-ordinaria-n-9789-2005-denomina-vicente-rao-o-complexo-cultural-do-porto-seco-de-porto-alegre?q=vicente+rao>. Acesso em: 23 mar 2022.

² Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/p/porto-alegre/decreto/1983/819/8188/decreto-n-8188-1983-institui-o-trofeu-vicente-rao-a-melhor-escola-de-samba-do-carnaval-de-porto-alegre-e-da-outras-providencias?q=vicente%20rao>. Acesso em: 23 mar 2022.

³ Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/p/porto-alegre/lei-ordinaria/1973/386/3851/lei-ordinaria-n-3851-1973-denomina-vicente-rao-uma-via-publica?q=vicente%20rao>. Acesso em: 23 mar 2022.

Pelos breves traços biográficos levantados, percebemos que a complexidade dessa personagem necessitaria de um estudo mais aprofundado, principalmente no que diz respeito à sua relação com seu acervo, “[...] a sutil e mutável relação entre as pessoas e seus arquivos, e entre esses arquivos e a vida humana [...]” (HOBBS, 2016, p. 323). Objetos que foram selecionados e organizados, que traçam uma narrativa que reforça, mas também problematiza a sua figura pública.

Se nos concentrarmos sobre como a documentação é ligada e parte da experiência dos criadores (em vez de fonte de provas dessas mesmas experiências) chegaremos a um sentido mais completo e holístico de como e por que se criam e preservam documentos (HOBBS, 2016, p. 322).

Da mesma forma, pareceu-nos que houve uma preocupação com a formação de um legado, que Heymann caracteriza como “[...] investimento social por meio do qual uma determinada memória individual é tomada exemplar ou fundadora de um projeto político, social, ideológico etc. [...]” (HEYMANN, 2005, p. 2). Nesse sentido, há relatos de idealizadores do Museu de Porto Alegre, que demonstram que havia a intenção, o desejo de Ráo de deixar esse acervo como legado a um espaço de memória, onde sua figura pudesse ser celebrada e lembrada, livrando-a do esquecimento.

FORMAÇÃO DA COLEÇÃO “CARNAVAL” DO MUSEU JOAQUIM FELIZARDO

A coleção Carnaval do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo é constituída por 177 itens, basicamente, de indumentária dos Reis Momos do carnaval de Porto Alegre, registrados no sistema de catalogação de acervos "Donato".

Dos Reis Momos Verçoza, Miudinho e Queixinho são 38 itens, entre roupas, calçados e adereços; o restante das peças pertenceu ao Rei Momo Vicente Ráo. Esses itens foram doados pelos próprios carnavalescos Fábio Duarte Versoza e Sílvio Lunardi Martini (o Miudinho); as peças de Édio Onofre Gonçalves, o Queixinho, foram doadas pela Coordenação do Carnaval da Prefeitura de Porto Alegre.

De Vicente Ráo, além de vestuário, acessórios e adereços carnavalescos, a coleção possui documentos pessoais (certidão de nascimento, título de eleitor, carteira de identidade, caderneta de alistamento militar, passaporte, caderneta de tiro, carteira de vacinação); placas de homenagem e troféus, totalizando 137 itens.

Há, ainda, na coleção Carnaval, duas fotos registradas.

O Museu Joaquim Felizardo ainda possui 355 imagens de Vicente Ráo na coleção Fotografia (fotos avulsas e em álbuns) que registram as atividades como Rei Momo, Papai Noel e como líder sindical. Além disso, ainda há itens não registrados: diários de viagens aos Estados Unidos da América, álbuns com recortes de matérias sobre carnaval das revistas Cruzeiro e Manchete e álbuns com recortes de jornais (notícias de suas atividades como Rei Momo e como Papai Noel da cidade).

Neste trabalho, dentro da coleção Carnaval, destacamos o acervo pertencente a Vicente Ráo, tanto pelo número de peças quanto pela relevância desse personagem do carnaval porto-alegrense.

O processo de formação do acervo de Vicente Ráo se inicia antes mesmo da existência do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Por relatos, temos que a primeira doação foi feita ao Serviço de Documentação, em que se encontrava o Arquivo Municipal e a Biblioteca, setor pertencente à Secretaria de Administração da Prefeitura de Porto Alegre, constituído, além de outros acervos, por documentos históricos, mapas, fotografias e objetos da história do município, reunidos pelo historiador Walter Spalding. Em 1968, o acervo histórico desse órgão (documentos, objetos, fotos e mapas) inicia sua transferência para a Divisão de Cultura, pertencente à Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), para um setor informalmente denominado de Divulgação Histórica. Posteriormente, a documentação histórica é desmembrada, originando o Arquivo Histórico de Porto Alegre e o Museu de Porto Alegre (POSSAMAI, 2001, p. 143)¹. Apenas em 1979, é criado o Museu de Porto Alegre, pelo Decreto n.º 6.598, com a finalidade de reunir o acervo histórico e cultural da cidade.

A arquivista Adelaide Grace Irigaray, que assumiu o Arquivo depois da aposentadoria de Walter Spalding, conta a origem dessa coleção. Ela também participou da comissão que, em 1978, elaborou o projeto de criação do Museu Municipal, junto com Moacyr Flores (coordenador), Berenice Ana Toson e Marta Plastina Bucholz (POSSAMAI, 2001).

¹ POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu**: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

[...] E eu disse: “olha, IM eu aceito conhecer o Ráo.” Então, ela chamou o Ráo e me apresentou. E eu disse pro Ráo: “Eu gostaria de focar, eu tenho as pequenas histórias dos carnavais de antigamente. Eu gostaria de focar alguma coisa que lembrasse o carnaval de Porto Alegre. Pode ser o sapato do Rei Momo, pode ser a coroa, enfim, qualquer coisa, o bastão”. Aí, ele disse pra mim: “Eu te empresto tudo isso. Imagina eu, as coisas minhas dentro duma vitrine”. [...] E por intermédio dessa amizade com o Vicente Ráo, com o falecimento dele a irmã veio, a Dona Rosinha, disse pra mim: “Dona Sofia, o que que eu faço com as roupas do meu mano, ele gostava tanto, ele dizia que a senhora ia colocá-lo num museu, ia deixá-lo imortal”. Eu digo, mas nem tem dúvida, eu aceito o que a senhora quiser dar. Nós não tínhamos lugar pra colocar a quantidade de fantasias de Rei Momo. (POSSAMAI, 2001, p. 48).

Rosina Ráo Mendes, fez a doação de parte da indumentária do Rei Momo, dos documentos pessoais de Ráo, das placas de homenagem e dos troféus. E, na década de 1990, o Museu recebeu uma doação da Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional, constituída por 70 itens de indumentária do Rei Momo (vestuário, acessórios e adereços) e 25 itens de documentação visual (álbuns e fotografias avulsas, álbuns de recortes de revistas e jornais, diários de viagem (recortes e folhetos). Até então, o Clube mantinha um espaço no Gigantinho (o ginásio de esportes do Inter), conhecido como “Museu Vicente Ráo”, onde esses itens eram expostos. Não podemos precisar a data em que o Museu recebeu esse acervo, pois não foram encontrados os documentos que formalizaram a doação.

EXPOSIÇÕES

A última vez em que o acervo da coleção da Coleção Carnaval esteve em evidência foi em 2019, quando o Museu Joaquim Felizardo apresentou a exposição “Deus Momo vem aí: histórias da folia de rua na Porto Alegre antiga”. Foram expostas fantasias de Vicente Ráo, além de haver um painel com uma de suas fotografias e um texto informativo sobre o Rei Momo com o reinado mais longo da história do carnaval porto-alegrense.



Imagem 7: Exposição “O eterno rei - Vicente Ráo”. Paço Municipal, 2006.



Imagem 8: Exposição “Deus Momo Vem Aí: histórias da folia de rua na Porto Alegre antiga”. Museu Joaquim Felizardo, 2019.

A primeira mostra, no âmbito da Prefeitura Municipal, desses objetos pode ter-se dado ainda em vida do carnavalesco, quando ele teria emprestado alguns objetos, conforme acima mencionado, a Adelaide Irigaray. Outras exposições aconteceram ao longo do tempo: “Carnaval em Porto Alegre” (1981); “História dos carnavais de Porto Alegre (1991); “Vicente Ráo: o 1º Rei Momo e único de Porto Alegre” (1994); “Na maquete ou na avenida, carnaval não tem medida” (2001); “O eterno rei - Vicente Ráo” (Paço Municipal, 2006); “Carnavalizar é brilhar” (2010).

Como pode ser percebido, apenas a exposição mais recente não tem como foco principal a figura de Ráo. A mostra falava da história do carnaval, desde as origens da folia no Brasil, chegando ao carnaval porto-alegrense e, citando inclusive outros Reis Momos da Cidade, como o “Seu Lelé”. As demais exposições tinham Vicente Ráo como tema central, exaltavam esse personagem, reforçando o título de “Rei Momo Primeiro e Único” (título que vários reis momos também receberam no Brasil). Da história do carnaval de Porto Alegre era feito um recorte temporal – o reinado de Ráo, desprezando outros fatos e personagens, como “Miudinho”, seu sucessor, que também teve uma trajetória de cerca de vinte anos como Rei Momo da cidade.

Dessa forma, ainda que pareça contraditório, o acervo de Vicente Ráo tem sido pouco explorado diante das potencialidades que possui, além de simples objetos de rememoração do passado ou de celebração de determinado personagem. Segundo Brulon (2015), os objetos de museu devem ser concebidos como “portadores de sociabilidade”:

Podemos defender que a consagração museal não limita a ‘representação objetal’[...], ela liberta o objeto das classificações tradicionais para torná-lo disponível às múltiplas interpretações do museu e seu público. Na prática, é a documentação museológica que ganha ênfase, cabendo a ela o papel de documentação histórica e sociológica, registrando todos os estados do objeto e as relações estabelecidas em sua biografia (BRULON, 2015, p. 35).

O objeto musealizado não “morre para o mundo”, não perde a sua dimensão utilitária, mas adquire uma dimensão “interpretativa”: os sentidos do objeto, dados pelos indivíduos e por outros objetos com os quais se relaciona, é fluído e está sempre sujeito à ressignificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu Joaquim José Felizardo tem uma importante coleção sobre o carnaval de Porto Alegre que reúne objetos de diferentes épocas e de diversas tipologias. Também o Solar, que o abriga, se encontra em um bairro, a Cidade Baixa, tradicionalmente ligado ao carnaval de rua de Porto Alegre, desde o início do século XX aos dias atuais.

Dentro dessa coleção, constatamos que um conjunto se destacava dos demais - não só pela quantidade expressiva de itens, mas também pela visibilidade que lhe era dada - e que seria interessante debruçar-se sobre ele. Vicente Ráo foi uma figura de reconhecida importância no carnaval da cidade. No entanto, outros aspectos de sua biografia também nos ajudaram a compreender a formação de seu acervo e seu posterior ingresso no Museu da Cidade. Nesse sentido, como ressalta Pedro Nery,

[...] a investigação de processos históricos de aquisição para acervos públicos recupera os sentidos intrínsecos de preservação dessas obras e que, portanto, fornecem ao patrimônio musealizado fundamento lógico. Ou seja, alerta para a representação histórica que contém tanto o objeto quanto as apropriações que sofreu o conjunto total da coleção (NERY, 2015, p. 2).

Constatamos que outras temáticas poderiam ser abordadas e diversas questões poderiam ser problematizadas com a exposição desses mesmos objetos, não descartando, com isso, a possibilidade de a instituição adquirir outros acervos. A coleção de Vicente Ráo poderia ser o ponto de partida para novas reflexões e novas histórias, como as de trabalhadoras e trabalhadores que fazem o “maior espetáculo da terra” acontecer e que são invisibilizados, como as costureiras e aderecistas que produzem as fantasias. Poderia ser abordada a questão das fantasias de carnaval que reproduzem e reforçam preconceitos contra homossexuais, travestis, negros e mulheres, como se pode observar em várias imagens da coleção, por exemplo. Quanto à questão racial, discutir a escolha de reis momo e de rainhas do carnaval brancas nas décadas de 1940, 1950 e 1960, a partir de uma série de fotografias de Vicente Ráo com as eleitas. Ou, simplesmente dar visibilidade aos itens da coleção pertencentes a outros reis momo da cidade e resgatar suas histórias. O carnaval é

feito de tantos personagens e saberes que, voltarmos sempre às mesmas imagens e narrativas não dá conta da complexidade dessa grandiosa festa.

REFERÊNCIAS

BRULON, Bruno. Os objetos de museu, entre a classificação e o devir. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 25-37, jan. /abr. 2015.

DUARTE, Ulisses Corrêa. **O Carnaval espetáculo no Sul do Brasil**: uma etnografia da cultura carnavalesca nas construções das identidades e nas transformações da festa em Porto Alegre e Uruguaiana. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal do RS, Porto Alegre, 2011.

GERMANO, Iris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia**: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40. 1999. 275 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do RS, Porto Alegre, 1999. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1GQyI-tfo23id86gCQV21VoLVN6TSUvol/view>. Acesso em: 18 mar. 2022.

HEYMANN, Luciana Quillet. **De "arquivo pessoal" a "patrimônio nacional"**: reflexões acerca da produção de "legados". Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

HOBBS, Catherine. Vislumbrando o pessoal: reconstruindo traços de vida individual. In: EASTWOOD, Terry e MACNEIL, Heather (Orgs.). **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Iris; POSSAMAI, Zita Rosane. **Carnavais de Porto Alegre**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

NERY, Pedro. **Arte, pátria e civilização**: a formação dos acervos artísticos do Museu Paulista e da Pinacoteca do Estado de São Paulo (1893-1912). 2015. 193 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu**: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

SILVA, César Marcelo Caramês da. **"Imitando os negrinhos, hein?"**: o departamento de Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional no contexto do estado novo (1940-1942). 2021. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do RS, Porto Alegre, 2021.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. Arquivo Histórico. Memória do Inter. **Você conhece Vicente Rao?** Disponível em: <http://memoriadointer.blogspot.com/2014/02/voce-conhece-vicente-rao.html>. Acesso em: 18 mar. 2022.